



## Contratação de cientistas da religião como professores de cursos de ciência da religião

### *Employing scholars of religion as professors in programs of the study of religion*

Fábio L. Stern\*

Em agosto de 2021, na 5ª edição do Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA), único evento periódico focado na empregabilidade, profissionalização e na prática da ciência da religião para além dos muros das universidades, tive a oportunidade de apresentar um panorama do perfil dos corpos docentes dos PPGs em CR do Brasil. Embora os dados já estejam levemente desatualizados, visto que tivemos concursos para magistratura em alguns PPG<sup>1</sup>, eles não mudaram radicalmente de lá para cá. O perfil do professorado dos cursos de CR no Brasil ainda demonstra uma série de problemas identificados desde 2008 por Steven Engler e ainda não foram superados.

Engler (2008) elencava há 14 anos como principais desafios para a consolidação da ciência da religião no Brasil os seguintes pontos: (1) havia mais cursos de pós-graduação *stricto sensu* em CR em universidades confessionais cristãs (católicas, metodistas, batistas, presbiterianas etc.) do que em universidades leigas, refletindo num excessivo foco no cristianismo como objeto de estudo em detrimento da religião comparada, o carro-chefe da disciplina em âmbito internacional; (2) a ciência da religião era vista pelos teólogos como uma inimiga a ser combatida ou como uma área a ser cooptada; (3) teólogos e cientistas da religião disputavam o mesmo mercado e as mesmas poucas bolsas de estudo, o que levava os teólogos a terem vantagem sobre os cientistas da religião por serem uma categoria profissional mais conhecida pela sociedade brasileira; (4) as outras ciências no Brasil desconheciam a ciência da religião, ou quando a conheciam, consideravam-na muito religiosa e pouco científica, dificultando a abertura de novos cursos; e (5) quase nenhum docente de cursos de CR no Brasil tinha qualquer formação em CR, sendo a maioria teólogos de formação.

Todos estes problemas ainda eram atuais em agosto de 2021. Apesar da consolidação de uma Área de Avaliação própria na CAPES em 2017, uma análise da materialidade da disciplina demonstrava que os cinco anos ocupando este lugar no MEC não conseguiu fomentar a absorção de egressos dos cursos de CR entre seus corpos docentes, com a

---

\* Bolsista PNP/DC/PRONEX/CAPES pelo PPG em Ciência da Religião da PUCSP (São Paulo-SP). Licenciado, especialista, mestre e doutor em Ciência da Religião. ORCID: 0000-0001-5642-0299 - contato: [caoihim@gmail.com](mailto:caoihim@gmail.com)

1 A citar alguns: PUCMinas, PUCSP, UFPB, UFS e PUCCampinas abriram vagas para docência em seus PPGs de CR nos últimos 12 meses.

observância de alguns cursos sem nenhum professor com qualquer formação em CR<sup>2</sup>. Citando alguns dados empíricos, os sites oficiais dos PPG em CR brasileiros declaravam, em agosto de 2021, haver 127 professores permanentes nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* distribuídos em 11 instituições de ensino superior: FUV, PUCCampinas, PUCGoiás, PUCMinas, PUCSP, UEPA, UFJF, UFPB, UFS, UMESP e UNICAP.

Assim como Engler (2008) dizia ocorrer há mais de uma década, dois terços destes professores estavam alocados em universidades privadas com relação direta com o cristianismo, como as católicas PUCs e UNICAP, e as protestantes UMESP e FUV. O terço restante estava no funcionalismo público, na UEPA (região norte), UFS e UFPB (região nordeste) e UFJF (região sudeste). Apesar disso, uma destas instituições, a UFJF, ainda declarava em agosto de 2021, em seu site oficial, manter uma linha de pesquisa de teologia dentro da universidade pública, a qual estava alocada na área de concentração de filosofia da religião. Em dezembro de 2022, quando revia o material para redigir este editorial, essa linha de pesquisa não aparecia mais listada no site.

Da formação dos professores, acessei o currículo Lattes de todos os 127 docentes permanentes, e constatei que em agosto de 2021, apenas 37% eram doutores em CR e *nenhum* possuía formação inicial (graduação) em CR. Apesar de licenciaturas em CR estarem ativas no Brasil desde a década de 1990 e já existirem em todos os territórios do Brasil, inclusive em locais aonde a pós-graduação ainda não chegou, mais da metade dos professores (51%) ainda eram graduados em teologia. Logo, havia mais professores sem graduação e doutorado em CR dando aula em PPG em CR no Brasil do que pessoas com alguma formação em CR. Não só isso, o número de teólogos era maior do que o de todas as outras formações juntas. Apesar de 37% dos professores serem doutores em CR, apenas 15% destes não eram bacharéis em teologia, e dos que eram teólogos doutores em CR, quase sempre essas pessoas obtiveram o doutorado em CR em universidades cristãs em que mais de dois terços da produção acadêmica é sobre cristianismo<sup>3</sup>. A denúncia de Engler (2008), de que a teologia vê os cursos de CR como postos a serem cooptados, demonstrava-se materialmente verdadeira ainda em 2021.

Já no caso das graduações, 18 IES apareciam listadas no site do eMEC com cursos ativos de graduação em CR: ETEP, FBNCTSB, FURB, PUC-PR, UEA, UEPA, UERN, UFJF, UFPB, UFSM, UNICAP, UNIENSINO, UNIFCV, UNIMONTES, UNINTER, UNIVILLE, UNOCHAPECÓ e USJ. Ao verificar o currículo Lattes de seus professores, constatei que esses cursos também não absorvem seus egressos. Mas diferente dos cursos de pós-graduação, a formação privilegiada nas licenciaturas em CR não era a teologia, mas sim a pedagogia. De qualquer forma, havia mais professores formados em outra coisa que não a CR do que cientistas da religião dando aula nas licenciaturas e bacharelados em CR do Brasil em agosto de 2021.

Para entendermos a gravidade desse cenário, precisamos comparar o que acontece em nossos cursos com o perfil profissional dos docentes da USP, considerada a

---

2 Ressalto que há exceções, como o caso da PUC-Minas e da UMESP, onde mais da metade dos professores são doutores em CR.

3 No caso da UMESP, o número é superior a 90%, conforme passível de verificação no banco de teses e dissertações da CAPES e no próprio repositório da instituição.

universidade brasileira de ponta. Para tanto, selecionei dois PPG da USP: o de Filosofia e o de História. O motivo da escolha foi a proximidade dessas áreas com a própria CR, já que os cursos de CR no Brasil já estabeleceram parcerias passadas com pesquisadores de programas de Filosofia e História, e o fato de que esses PPG da USP são gigantescos. O PPG em Filosofia e o PPG em História contêm mais ou menos três quartos do número de professores permanentes que todos os 11 PPG em CR do Brasil juntos<sup>4</sup>. Portanto, parti da hipótese de que se há tantos professores nesses dois cursos, estatisticamente haveria uma chance maior de o professorado ter uma multiplicidade de formações.

O que foi observado empiricamente, porém, é que dos professores permanentes do PPG em Filosofia da USP, 94% eram doutores e 81% eram graduados em filosofia. Ou seja, quase a totalidade tinha formação inicial e final na área em que estavam ministrando aulas. No caso dos professores do PPG em História da USP, 86% eram doutores e 84% eram graduados em história. Também quase a totalidade tinha formação inicial e final na área em que eles estavam ministrando aulas. Tentando encontrar um curso que se aproximasse do perfil do professorado dos cursos de CR brasileiros, na USP identifiquei o PPG em Estudos Culturais, alocado na faculdade multidisciplinar da CAPES. O que se observou ali foi que nenhum professor era graduado em estudos culturais, nenhum tinha doutorado nisso, e que esse colegiado favorecia um entendimento de que como a multidisciplinaridade é o constituinte do curso, o melhor é que se tenham professores das formações mais plurais possíveis, como matemática, artes, medicina, letras, ciências sociais, pedagogia, comunicação, psicologia, filosofia, física, história, geografia, turismo etc.

**Tabela 1 – Professores permanentes com formação específica na área de docência**

|                   | PPGs em CR<br>(Brasil) | PPG em História<br>(USP) | PPG em Filosofia<br>(USP) |
|-------------------|------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Graduação na área | nenhum                 | 84%                      | 81%                       |
| Doutorado na área | 37%                    | 86%                      | 94%                       |

Fonte: Elaboração do autor (2021), com base em dados públicos da plataforma Lattes

Os números apontam urgência aos programas de CR brasileiros em repensarem o perfil para as futuras contratações docentes da área. Apesar do perfil dos egressos ser majoritariamente masculino, muito se fala na ANPTECRE sobre a importância de uma maior contratação de mulheres como professoras de cursos de CR. Mas não há discussões de fôlego sobre a contratação de cientistas da religião pela associação. Se um homem com formação linear em CR – graduado, mestre e doutor em CR – competir por uma vaga num programa contra uma mulher que tem graduação em teologia, mestrado em psicologia e doutorado em história, por exemplo, a mulher será priorizada, apesar do candidato homem ter a formação específica que dá nome ao programa que

<sup>4</sup> Os números exatos são 96 professores permanentes nesses dois PPG da USP.

está contratando? Aliás, os programas de CR continuarão considerando que teólogo e cientista da religião são a mesma coisa, apesar dos programas de teologia claramente não terem o mesmo entendimento quando abrem editais de contratação para os seus cursos<sup>5</sup>? Essa postura auxilia a resolver o problema do desemprego dos formados em CR no Brasil?

A Área de Avaliação 44 é ainda frágil, tanto pelo número de programas quanto por abrir um precedente que a própria CAPES queria evitar: que outros cursos da faculdade multidisciplinar pleiteiem a emancipação. Em outro lugar (cf. Stern, 2018), apresentei como a luta política pela criação dessa Área de Avaliação foi longa, com diversas negativas do órgão. Finalmente conseguimos essa conquista, e devemos nos orgulhar. Mas como os PPG em CR têm se comportado como os que fazem parte da faculdade multidisciplinar, não há um risco de que a CAPES questione para que a gente precisa de uma Área de Avaliação própria? Se os cursos de CR ainda apresentam um perfil de professorado com as mais múltiplas formações e os editais de contratação continuam a permitir qualquer formação sem priorizar a CR, por que então não estamos na Área de Avaliação multidisciplinar? Os PPG em CR do Brasil não se atentam ao risco de termos que repartir o bolo das poucas bolsas de estudo com todos os outros cursos que estão lá na faculdade multidisciplinar? Aliás, se quem se forma em CR não é capacitado sequer para dar aula de CR, para que existem cursos de CR?

A preocupação em se pensar a CR para além dos muros da universidade se dá, em grande medida, por esse exército de desempregados formados em cursos de CR. A grande maioria simplesmente não tem onde atuar, incluindo as próprias universidades onde se formaram. Com o SEMCREA, temos fomentado tanto a ampliação dos campos de atuação dos formados em CR para além da docência superior, como também tentado assegurar os poucos espaços conquistados e que ainda são disputados, como o ensino religioso escolar. Entretanto, faz-se urgente uma organização da classe profissional de cientistas da religião para reivindicar, de forma definitiva, energética e com método, que os cursos passem a contratar pessoas formadas em CR. Os cursos de sociologia não consideram a formação em CR como equivalente à de cientista social. Os cursos de psicologia não consideram a formação em CR como equivalente à de psicólogo. Os cursos de história não consideram a formação em CR como equivalente à de historiador. Então por que nos nossos cursos vale tudo? O mais correto, para dizer o mínimo, seria os nossos cursos adotarem a reciprocidade de tratamento com os profissionais dessas outras áreas. Se cientista da religião não pode concorrer a vagas de professor em programas de antropologia caso não tenham também a formação em ciências sociais, por que antropólogos podem concorrer a vagas em programas de CR sem ter qualquer formação em CR?

A respeito da teologia, conforme foi demonstrado no SEMCREA de 2021, por uma *survey* realizada com 224 estudantes e egressos de cursos de CR de todo o Brasil (SEMCREA, 2021), 100% dos respondentes consideravam que *teologia e CR não são*

---

5 Apenas 6% dos professores de PPG em teologia do Brasil são doutores em CR, e todos eles são bachareis em teologia, e alguns tem dois doutorado: o em CR e o em teologia (Stern, 2018, p. 85). Ou seja, não há professor doutor em CR dando aula em cursos de CR sem ter também a formação em teologia.

*a mesma área do conhecimento*, apesar de estarem na mesma Área de Avaliação. Na contramão da opinião discente, docentes de cursos de CR – em especial os que tem formação em teologia – têm borrado, desde 2017, o significado de “Área de Avaliação” e “área do conhecimento” para justificar a abertura desses editais que permitem teólogos concorrerem aos cargos de professores. Isso é ainda mais grave quando, no mesmo estudo, foi detectado que 82% dos estudantes e egressos consideravam que os *cursos de CR não deveriam contratar teólogos como professores*. Logo, foram notados dois interesses antagônicos de classe: (1) o dos corpos docentes dos cursos de CR, que é majoritariamente composto por teólogos e pessoas não formadas em CR, e (2) o dos próprios estudantes e formados em CR. A análise material histórica da relação entre essas duas classes profissionais não indica conciliação entre tais interesses. Na prática, têm sido mantidos os interesses dos professores dos cursos de CR, que continuam a usar os cursos de CR para colocar teólogos no funcionalismo público e fazer uma manutenção de postos de trabalho a professores não cientistas da religião.

É importante que os formados em CR saibam que sem organização da classe, não teremos força para reverter o quadro atual de desemprego abundante daqueles que, muitas vezes, dedicaram uma década de estudos à CR. Sociólogos, psicólogos e historiadores possuem a profissão regulamentada no Brasil. Teólogos têm todo o poder da organização igreja por trás de seus interesses. E nós, apenas temos uns aos outros e a possibilidade de nos organizar. Termino este editorial dizendo que eu gostaria que aqueles que se formaram em CR nunca mais tenham que ouvir em um processo seletivo comentários como: “Que pena que você é licenciado em CR. Estamos procurando alguém formado em outra coisa para ser professor em nosso curso de CR”. Isso precisa mudar. A política atual de contratação que vem sendo exercida nos cursos de CR do Brasil é um desrespeito e uma opressão contra seus próprios estudantes.

## Referências

ENGLER, S. Brazil. In: ALLES, G. D. (Ed.). *Religious studies: a global view*. New York: Routledge, 2008, p. 273-277.

SEMCREA. Abertura do Seminário de Ciência da Religião Aplicada. [on-line, disponível no Sympla aos inscritos no evento]. São Paulo: PUC-SP, 2021.

STERN, Fábio L. A criação da área de avaliação “ciências da religião e teologia” na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Espaços*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 73-91, 2018.